

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO  
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR  
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

**JAIR TSERENHIWARI XAVANTE**

**AS FASES NA VIDA DA CRIANÇA XAVANTE: DO *A'UTÉRE* AO  
*RI'TÉI'WA***

**Barra do Bugres  
2016**

**JAIR TSERENHIWARI XAVANTE**

**AS FASES NA VIDA DA CRIANÇA XAVANTE: DO *A'UTÉRE* AO  
*RI'TÉI'WA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade do Estado de Mato Grosso-  
UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est.  
Renê Barbour, como requisito parcial para  
obtenção do título de graduado em Ciências  
Sociais..

Orientador: Prof. Me. Luciano Pereira da Silva

**Barra do Bugres  
2016**

## FICHA CATALOGRÁFICA

### CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

K3f XAVANTE, Jair Tserenhiwari.

As fases na vida da criança Xavante: do a'utêre ao ti'hêi'wa / Jair Tserenhiwari Xavante. – Barra do Bugres, 2016.

35 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. (colorido).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura Intercultural Indígena, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientador: Prof. Me. Luciano Pereira da Silva.

1. Povo *Xavante*. 2. História Oral. 3. Fases da Vida. I. Silva, L. P. da, Me. II. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

**JAIR TSERENHIWARI XAVANTE**

**AS FASES NA VIDA DA CRIANÇA XAVANTE: DO *A'UTÉRE* AO *RI'TÈI'WA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Licenciatura Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais..

Barra do Bugres, 26 de abril de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Me. Luciano Pereira da Silva  
Professor Orientador

---

Prof. Esp. Walderson Ribeiro  
Professor Avaliador

---

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino  
Professor Avaliador

**Barra do Bugres  
2016**

## AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer em nome de todos da comunidade da aldeia Caçula. Gostaria de agradecer a compreensão das aldeias Santa Cruz, Tanguro, *Reata Atserére*, *Êtênhiritipa*, Pimentel Barbosa e Aldeia Caçula. A comunidade indígena *Xavante* da Terra indígena Pimentel Barbosa, por ter me apoiado no desenvolvimento desta pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso-TCC.

A minha companheira, professora Nágilla, não indígena por ter me incentivado a fazer este trabalho. A minha comunidade da aldeia Caçula que acreditou e que eu possa retribuí-los com conhecimento que adquirir.

A minha amiga que me ajudou a organizar este trabalho Angélica Janaina Alves.

O meu amigo que me ajudou a organizar este trabalho, o senhor Wanderson Ribeiro com nome indígena, Höiwewari.

A minha esposa, por apoiar em minhas caminhadas, em busca de novos conhecimentos.

## RESUMO

A pesquisa sobre as fases da vida das crianças Xavante foi realizada na aldeia Caçula, localizada na Terra Indígena Pimentel Barbosa, município de Canarana-MT. O estudo analisa o conhecimento cotidiano por meio da oralidade dos anciões, como educadores tradicionais, e tem por objetivo compreender como são estabelecidas as relações nas fases da vida de crianças até a velhice. Discute-se a questão dos nomes próprios do povo Xavante como elemento que as novas gerações devem aprender, enquanto chamamento tradicional, entre os meninos e as meninas entre cinco a dez anos de idade. O sentido é fortalecer e valorizar a vida tradicional cotidiana e sua relação com a memória e coletar informações possíveis de publicação como recurso didático e importante forma de registro. Metodologicamente, adotou-se a observação como prática de pesquisa etnográfica, história oral e entrevistas formais registradas em diário de campo e convívio nas práticas culturais.

**Palavras-chave:** Povo Xavante. História Oral. Fases da Vida.

## Âma Rowasu'uI'uptabisi

Waza'âma rowasu'u îtepâi'wasisi nahã,ãhã te'î'manharîhãîrób're zada wazari na ihi zadanha ri na dure rowasu'u zarina te î'manhari hã ti'a waré înomro nhisihã na Pimentel Barbosa na Ri'ahöwa'õtore nhisihã wapusizéhã "Canarana" na Brasil wa'wa wa're wahöimana za'ra MT. Âhã itepâiwa si hã "a'utépré" iwamri zéb'nahã duré re'si ri'tei wa za'ra mono wamhã i'wamrizéhã duré ihöimana zéb'nahãimama teza'a'ö mahö ané aibö poto wamhã iwamrizéhã "Bödi" na, i'mahörözéhã ãhã wahöimanazé wahi'ra hawimhã dawamrihã wa'wahã wawa te wasima're'rê mé za'ra da'wamri'prédunahã wapoto nhidöpösi wanhihudu norî teza'âma aptó 'oré wamhã âma're'dasi mahörö za'ra wa'wa ti'ra te za potó wi a'o te âma're'mahörö za'ra. Âhã wa îsima ti'ö rom'huri te âma manhari da i'ruzahi wahöimana zéb'nahã wate sipteteza'ra monodahã dawamrizéhã wa'isima pisutu wanhimiza'rese teb'zo abahã danhimiza'rese za'êtê zarina abahã danhib'a'uwê höïmanazèb'na, dapo'resi'öri'ã'na dahöïmananahã ihinhimirowahuruzo abahã dahoïmanazeb'dahã iweptabi a'uwe hoïmanazehã duré a'uwe tehã rowaihu'uzehã damado'ozarina.

## LISTA DE TABELA

|  |    |
|--|----|
| Tabela 1 – Fases da vida Xavante ..... | 20 |
|--|----|



## LISTA DE FIGURAS

|             |  |    |
|-------------|--|----|
| Figura 1 –  | <i>Ai'utépré</i> - 0 a 3 anos.....     | 24 |
| Figura 2 –  | <i>Bodi</i> - 3 a 5 anos.....          | 24 |
| Figura 3 –  | <i>Bodi</i> - 3 a 5 anos.....          | 25 |
| Figura 4 –  | <i>Watebremi</i> - 5 a 7 anos.....     | 25 |
| Figura 5 –  | <i>Airepudu</i> -7 a 10 anos .....     | 26 |
| Figura 6 –  | <i>Airepudu</i> -7 a 10 anos .....     | 26 |
| Figura 7 –  | <i>Airepudu</i> -7 a 10 anos .....     | 27 |
| Figura 8 –  | <i>Airepudu</i> -7 a 10 anos .....     | 27 |
| Figura 9 –  | <i>Riteiwa</i> - 17 a 20 anos .....    | 28 |
| Figura 10 – | <i>Danhohui'wa</i> - 20 a 23 anos..... | 28 |

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                     | <b>10</b> |
| <b>CAPÍTULO I – TEMPO E PROCESSOS SOCIAIS.....</b>          | <b>13</b> |
| 1.1 Perspectivas históricas: sobre o passado e futuro ..... | 13        |
| <b>CAPÍTULO II – A EDUCAÇÃO TRADICIONAL XAVANTE .....</b>   | <b>15</b> |
| 2.1 A menina Xavante .....                                  | 16        |
| 2.3 O homem Xavante .....                                   | 16        |
| <b>CAPÍTULO III – FORMAÇÃO DO CONHECIMENTO .....</b>        | <b>19</b> |
| 3.1 As fases da vida do homem Xavante .....                 | 19        |
| 3.2 <i>Watebremiti</i> (meninos).....                       | 29        |
| <b>CAPÍTULO IV – A MULHER E A GRAVIDEZ.....</b>             | <b>30</b> |
| 4.1 A mulher e o parto: as regras e a sociabilidade .....   | 30        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                            | <b>33</b> |
| <b>CONSULTORES NATIVOS.....</b>                             | <b>34</b> |

## INTRODUÇÃO

A minha pesquisa é sobre as fases da vida da criança do povo Xavante da aldeia Caçula, aldeia onde eu vivo, localizada na Terra Indígena Pimentel Barbosa, município de Canarana-MT, com uma população de 240 pessoas.

O trabalho monográfico que realizamos é sobre a *ai'uté* ou a “criança”. A pesquisa de campo foi por meio de entrevistas na língua Xavante realizadas com os anciões, pesquisa participante e registro fotográfico das festas dos *Watébrémi* e as meninas *Ba'õno* e os *Wapté* adolescente.

A proposta foi apresentada oralmente para minha comunidade, a qual se envolveu e abraçou o meu estudo e, desse acordo, todos interagiram e auxiliaram no proposto para a pesquisa.

Nas fases da vida da criança Xavante, vivenciam-se na oralidade o presente e o passado. Esse chamamento dos pais e da mãe são normalmente entre crianças recém-nascidas aos seis anos. Considera-se muito importante manter a nossa cultura e tradição milenar para as crianças e jovens do povo Xavante. E igualmente fundamental que o conhecimento dos nossos antepassados transmitidos pela tradição oral, quando escritos, tornar-se-ão imensa oportunidade para tentar fortalecer a sabedoria do povo Xavante.

A pesquisa que escolhi realizar como acadêmico destina-se para que a comunidade escolar aprenda e conheça, espera-se uma nova experiência estimulante para as gerações na busca por novos paradigmas no contexto da tradição milenar das comunidades da terra indígena Pimentel Barbosa e, em especial, na minha aldeia.

Devido às mudanças culturais procedentes de diferentes culturas e sua interface com a vida das crianças Xavante da aldeia Caçula, torna-se mais relevante esse estudo sobre as fases da vida da *ai'utépré* ou crianças recém-nascidas Xavante.

Por isso, almejamos manter a tradição milenar do povo *Xavante* com os nomes naturais na seguinte ordem: *ai'utépré*, *bōdi*, *watébrémi*, *ai'repudu*, *hō'wa*, *wapté*, *ritéi'wa*. E respectivamente: criança recém-nascida, adolescente, adulto, homem maduro.

Esse chamamento é obrigatório em sinal do respeito aos saberes oriundos dos ancestrais que ensinam o passado e o presente, isso para valorização da cultura e da tradição. Buscam-se mecanismos para que determinados elementos do conhecimento tradicional e sabedoria dos anciões sejam revitalizados, como retribuição desse estudo e valorização da nossa convivência na aldeia.

É crucial que os saberes sobre a fase inicial sejam publicados em livros para que as comunidades e alunos os estudem e compreendam a questão por meio de um trabalho realizado, a partir da observação e oralidade do povo Xavante. Por isso, os assuntos abordados a respeito das ideias dos anciões e que fazem parte da educação tradicional garantem a nossa cultura como lei tradicional do povo Xavante.

Durante a pesquisa, visitei outra aldeia e observei os jovens em sua fala desrespeitando a tradição, usando os nomes em português, desde quando as crianças são recém-nascidas, e os pais atuantes não chamam atenção para esse fato da cultura, os nomes dados para os filhos.

Atualmente, os jovens desde muito cedo, incorretamente não oferecem nomes tradicionais para as crianças em suas fases iniciais, por exemplo, o Renato é chamado de nenê, ao invés de *bödi*. É dessa forma que nossos ancestrais deixaram o conhecimento tradicional do povo Xavante, que é importante para manter os nomes próprios *ai'utépré* da tradição milenar do povo *A'uwê'ra Uptabi* ou “filho do povo verdadeiro”. Essa é a denominação dos nossos ancestrais e, principalmente, dos pais atuantes.

Na escola, esse assunto é debatido, a comunidade escolar se interessou e colaborou intensivamente com a pesquisa sobre as fases iniciais entre os cinco aos dez anos, tendo sido extremamente relevante para execução da pesquisa de campo. As questões colocadas pelas comunidades são saberes tradicionais e conhecimentos empíricos culturais específicos.

Trata-se de elementos fundamentais para o bom trabalho e funcionamento da comunidade e alunos, sobre os quais, as famílias precisam buscar novos paradigmas acerca da vida das crianças em sua fase inicial *ai'utépré* aos *riteiwa*, *ihi'ideal*, cujos conhecimentos ancestrais repassados garantem o conhecimento do povo Xavante.

A pesquisa dos acadêmicos Xavante cria uma nova situação, o interesse é estimular a vontade de cultivar e produzir o conhecimento tradicional indígena, realizar pesquisas, entrevistar anciões e publicar as ideias que vivem na aldeia, mesmo com o vigor da oralidade dos anciões, existe o interesse da pesquisa colaborar para que nossas regras tradicionais sejam seguidas de geração para geração.

Os jovens que observo na minha aldeia e, que por vezes, não usam o conhecimento tradicional, entretanto, possuem o interesse de pesquisar e buscar o conhecimento oral da anciã e sua experiência cultural entre o povo. O objetivo é ensinar para meu povo da aldeia os assuntos pesquisados, procurando colocar novas ideias para serem aprovadas e, principalmente, manter a fala da cultura com os nossos povos tradicionais. Afirma-se ser ideal estudar as fases iniciais do povo *a'uwè* e que os alunos e comunidades Xavante se envolvam, e que por meio da transcrição oral para escrita sejam utilizadas pelos jovens.

A minha pesquisa é sobre as fases de vida da criança do povo Xavante, da aldeia Caçula que está localizada na Terra Indígena Pimentel Barbosa, município de Canarana-MT.

Este trabalho trata das fases da *Ai'uté* (criança) do povo Xavante é vivenciado na oralidade e de suma importância para pode registrar o presente e o passado para os filhos pelos mais velhos.

Durante a minha pesquisa de campo, entrevistei os anciões para colher dada informações e participei da festa das “crianças e dos *waptê*”. É muito importante manter a nossa cultura milenar para as nossas crianças e jovens do povo Xavante.

## CAPÍTULO I – TEMPO E PROCESSOS SOCIAIS

### 1.1 Perspectivas históricas: sobre o passado e futuro

O povo Xavante (ou *A'uwe*) pertencente ao grupo dos índios que formam a família do tronco jê, atualmente se encontram no Estado de Mato Grosso, habitando uma área situada entre os rios da Morte e o Batovi, localizados no planalto central do Brasil. Hoje estão divididos em 09 terras indígenas: Pimentel Barbosa, Areões, *Marãiwatsédé*, *Kuluene*, *Norasurã*, São Marcos, Sangradouro e Marechal Rondon.

Todo o povo Xavante das nove terras indígenas formam uma população de aproximadamente 13 mil habitantes, divididos em três subgrupos: *Apseniwihã*, formado pelos grupos de Pimentel Barbosa e Areões que habitam os campos e cerrados da região do baixo rio das Mortes; *Marãiwatsédé*, composto pelo subgrupo Suiá Missú que ocupa área mais ao norte de Pimentel Barbosa e atinge a parte inicial das matas do complexo amazônico; *Norosurã*, formado pelos povos que subiram o rio das Mortes e se espalharam por São Marcos, Sangradouro, *Parabubure*, Couto Magalhães, Marechal Rondon e *Kuluene*.

A Aldeia Caçula é em forma de círculo e 19 residências que compõe a comunidade. A Terra Indígena Pimentel Barbosa tem aproximadamente 3.900 índios, divididos em treze aldeias, sendo elas: Pimentel Barbosa, *Wede'rá*, Belém, *Wedeze*, *Êtênheritipá*, *Reata*, *Tanguro*, *Atserére*, Paraíso, Pequi, São Domingo, *Eteza'itipré* e Caçula.

A aldeia Caçula situa-se no meio do cerrado, montanhas e paisagens, temos o campo de futebol e a quadra de vôlei, escola, posto da saúde, casa da farinha, torre e orelhão, cemitérios e casa dos adolescentes, a aldeia dista 40 km do Rio das Mortes e 50 metros do rio que abastece a comunidade e se chama o rio *Pizi'irépa* ou timbó. Do ponto de vista da interação com o meio externo, aquela com os brancos, quem sofreu menos interferências foram os *Apseniwihã*, pois, apesar de terem sido os primeiros a aceitar o contato com os não índios, não aceitaram a entrada de nenhuma entidade que pudesse interferir ou mudar seu modo de vida, como os Salesianos, SIL, entre outras. Condição essa que lhes garante autenticidade na cultura e ritos dos quais ainda são devotos e constantes.

No entanto, do ponto de vista da escolarização, os índios da terra de Pimentel Barbosa encontram-se defasados em relação aos demais, pois ao passo que os Xavante das demais terras têm boa parte de seu corpo docente formados, em Pimentel Barbosa, somente agora ingressaram no magistério indígena.

De um modo geral, a situação do povo indígena Xavante atualmente não é das melhores, confinados em suas reservas tem que fixar suas moradias em um determinado lugar e sobreviver do que a natureza lhes oferece ao seu redor. No entanto, sabemos que esse modo de vida é muito exploratório e não demora a escassez de alimentos e a necessidade dos produtos industrializados e que demanda poder aquisitivo. Muitas vezes, são mínimos e advindos de programas assistenciais do governo, como aposentadorias, bolsa escola e alguns funcionários públicos. Nesta perspectiva, nota-se que esse povo precisa de ajuda e políticas públicas, caso contrário, esta etnia pode entrar para a lista dos povos em risco.

## CAPÍTULO II – A EDUCAÇÃO TRADICIONAL XAVANTE

É verdade que o nosso país é constituído por uma variedade de grupos étnicos, que em sua maioria possuem saberes, culturas e línguas próprias, sobre as quais cada povo possui sua riqueza sociocultural a ser preservada e garantir a identidade. A diversidade cultural e a originalidade de cada povo são acervos culturais importantes, não apenas para si, mas para a sociedade brasileira e toda a humanidade.

No Brasil hoje, um dos principais recursos para a continuidade do processo de construção e fortalecimento dessa diversidade são as garantias previstas na Constituição Federal. Cabe, portanto, aos povos a vontade de se organizarem para enfrentar esse processo socioeconômico globalizado que chega com muita intensidade em meio a todas as sociedades. E apenas a organização e conscientização das comunidades poderão lhes garantir enquanto grupo étnico e cultural único.

Desde muito antes da introdução da escola, os povos indígenas vêm elaborando ao longo de sua história, complexos sistemas de pensamento e modos próprios de produzir, armazenar, expressar, transmitir, avaliar e reelaborar seus conhecimentos e suas concepções sobre o mundo. (RCNEI/MEC, 2005. P. 22).

Cada povo indígena procura projetar um tipo de alteridade que constitui a pessoa e a construção do seu ideal. Portanto, o ideal de um indivíduo indígena baseia-se no princípio do que é bom para si e para seu povo. Nestas condições, a prática pedagógica tradicional indígena integra, sobretudo, elementos relacionados entre si como território e língua em especial, economia e parentesco. Tratam-se de referências para sua existência e expressão. As relações sociais vivenciadas por cada povo são caracterizadas pela sua língua e seu território, de forma que os conhecimentos acumulados são transmitidos, especialmente, aos mais jovens.

Neste processo, observará que os momentos críticos ou momentos importantes, como a recepção do nome, “iniciação”, nascimento do primeiro filho e a morte de um parente são acontecimentos marcados por ações pedagógicas coletivas de quase toda comunidade.

Certamente cada povo tem seu processo de educação tradicional, esse estudo apresenta a educação tradicional advindas de informações procedentes de anciões e padrinhos, que são nossos “livros” por representarem a sabedoria do povo Xavante vivenciada na oralidade da aldeia Caçula e transmitida milenarmente até os dias atuais.

O processo de educação tradicional Xavante é paralelo, a educação feminina fica a cargo das mães, responsáveis de repassar para as filhas todos os conhecimentos culturais de seu povo,



por sua vez, a educação masculina, mais complexa, é atribuída aos pais e posteriormente aos padrinhos.

## 2.1 A menina Xavante

O ciclo de crescimento da menina Xavante apresenta-se da seguinte forma: *A'itutépré*, *Ai'uté*, *Ba'õno*, *Adzahudu*, *Adaba*, *Airate* e *Ihi*. Nos dois primeiros instantes, compreendidos entre 0 e 2 anos de idade, as meninas Xavante têm desenvolvimento normal como qualquer outra criança. Contexto que se altera no período entre dois e cinco anos, chamado de *Ba'õno*, quando acontecem as imitações das meninas ao observarem as mães, mas sem esforço e imposições por parte das mães que entendem esse momento em que as crianças devem brincar.

No segundo momento da puberdade, entre 06 e 12 anos, o processo de ensinamentos se intensificam, agora *Adzahudu*, as meninas começam a acompanhar as mães em suas tarefas diárias, como coletar alimentos, frutas, batata, sementes para confecção de artesanatos. Nessa fase as mães principiam as meninas para confeccionar artesanatos e alguns utensílios de uso cotidiano, tais como realizando as seguintes atividades: coletar, extrair e perfurar as miçangas ou *A'e*, tecer o *rinhamria* ou espécie de “prato” feito do broto da piaçaba, o *Si'onõ* ou cesto onde são levados os bebês, o *abamére* ou pequeno cesto com tampa utilizado para guardar objetos pessoais. É nesta fase que o corpo das meninas começa a sofrer transformações, neste momento as mães iniciam os ensinamentos sobre ciclo menstrual, preparação para o casamento e cuidados com seus futuros filhos.

Nesta rotina sem muita imposição por parte da mãe, as meninas aprendem seus afazeres espontaneamente, quando atingem sua fase de *airaté* são conhecedoras de seus costumes, artes e tudo o que a mulher pode e não pode fazer, como não frequentar certos locais e cerimônias específicas dos homens, não tocar em objetos de uso restrito ao homem e nem comentar sobre assunto mítico masculino. É importante situar que o conhecimento nunca é absoluto, na cultura *Xavante* não é diferente, o aprendizado se completa conforme segue a vida.

## 2.3 O homem Xavante

A educação do homem Xavante ocorre nas fases de crescimento na seguinte ordem: *A'itutépré*, *Ai'uté*, *Watebreimi*, *Airepudu*, *Wapté*, *Riteiwa*, *Danhohuiwa Ipredu* e *Ihi*.

Esse processo de educação Xavante é iniciado pelos pais e sequenciada pelos padrinhos e no terceiro momento complementada pelos pais. Como na educação feminina, as duas

primeiras fases, compreendidas entre os 0 aos 2 anos das crianças têm seu desenvolvimento normal como qualquer outra, sem imposições.

Os ensinamentos iniciam de forma incisiva quando se tornam *Watebreimi* entre 02 e 04 anos. Nessa fase o pai começa a demonstrar e gesticular como confeccionar *waihinhisu* ou pequenas flechas, preparar-se para luta do *oi'ó*, bater em troncos de árvores, o preparo com banhos de ervas para ficarem mais resistentes na luta, e nesse processo ritual da luta aprendem a reconhecer o símbolo de seus respectivos clãs, *poredzaono* ou girino e o *wawê* ou água grande.

Ao se tornarem *Airepudu* já participam ativamente da maior parte dos rituais censurados e de cunho secreto, pois com essa idade ainda tem convívio familiar e poderiam revelar-se algum conhecimento especificamente masculino. Na fase entre os 05 e 06 anos de idade, se inserem de forma ampla nos rituais de dança, canto, lutas e caçadas, na maioria das vezes como aprendizes. A partir disso, estão prontos para uma nova fase em um ritual chamado *darõ*, os padrinhos pintados a caráter vão buscar cada um de seus afilhados os quais assumem o direito de herdar o *danhonhi'ã* ou enfeite portado pelo afilhado.

Após essa cerimônia, o menino é encaminhado para a casa de reclusão onde irá passar os próximos seis anos reclusos, aprendendo com os padrinhos todos os segredos masculinos da cultura Xavante. Uma vez enclausurados na casa do adolescente ou *Hó* tornam-se *wapté*.

O *Hó* é uma espécie de escola interna onde o contato dessas crianças é somente com seus professores, no caso seus padrinhos, sendo eles responsáveis por transmitir e tornar esses jovens detentores de quase todos os conhecimentos culturais e míticos de sua cultura. Tais como, a confecção das cordinhas e o segredo embutido no uso de cada um dos seus tipos, os segredos das festas, sons das flautas tocadas nos rituais, pauzinhos que usam nas orelhas, codificar os tipos de gritos na perseguição de cada tipo de animal, processos de corte e repartição dos animais caçados e muitos outros conhecimentos que os tornando tão autênticos quanto os seus antepassados.

Com o compromisso de entoar o canto do adolescente todos os fins de tarde, juntamente com seus padrinhos, treinam seu canto para que a cada dia fica mais sincronizado e admirado pelos anciões.

Diversos são os processos de aprendizagem neste período entre os 6 aos 13 anos. No entanto, o mais importante e talvez o mais esperado é o momento da furação de orelha. Após passar pelo ritual do banho que dura duas a três semanas as orelhas são furadas e coloca-se no orifício o *bruteri* espécie de capim que ajuda na cicatrização sem fechar o buraco. Passados alguns dias os jovens começam a usar os “pauzinhos” e se tornam sendo assim o verdadeiro homem Xavante, pois este é o status garantido pelos brincos de madeira na sociedade Xavante.

Após a furação das orelhas os adolescentes ainda permanecem reclusos por algum tempo para devidamente fechar o ciclo de aprendizagem. Neste período acontecem alguns rituais para a consagração dos adolescentes *hómõno*, *nõní*, *sauri*, a partir destes ritos estão liberados para voltar para casa de seus pais.

Na fase *riteiwa* irão casar e constituir suas famílias, mas ainda restritos aos assuntos do *warã*, que são reuniões dos anciões realizadas ao nascer e ao pôr do sol no centro da aldeia. Somente após um longo período de maturação se tornarão *danhõruíwa*, então receberão autorização para participarem das reuniões realizadas pelos anciões no centro da aldeia. Assim é fechado o ciclo do aprendizado masculino Xavante, porém, isso não significa saberem tudo da cultura, processo esse que continua sendo realizado a cada dia, na medida em que irão se relacionar com novos conhecimentos e aumento dos saberes do povo.

É importante ressaltar que devido à complexidade da língua e cultura do povo Xavante, muitas partes deste processo podem ter ficado fora dessa análise cultural, uma vez que o processo de registro desses dados é difícil, principalmente, no que se diz respeito à tradução.

## CAPÍTULO III – FORMAÇÃO DO CONHECIMENTO

### 3.1 As fases da vida do homem Xavante

Na primeira entrevista, realizada com a anciã indígena Joana Ro'óawãri, Xavante da aldeia Caçula, ela nos disse ser muito importante a fala do ancestral para valorização do ciclo de crescimentos das crianças até a velhice. O segundo ancião da aldeia Caçula foi Norato Xavante e afirmou que eu poderia fazer meu trabalho pelo conhecimento adquirido desde a infância, no sentido de continuar desenvolvendo a trajetória desse trabalho, dos antepassados até hoje em dia. A entrevista ocorreu durante visitas em casa, no período vespertino do dia 20 de junho de 2015. (Depoimento pessoal)

Convivendo e participando do processo de educação na escola da aldeia Caçula, percebi que existem dificuldades, principalmente acerca das fases na vida das crianças em sua relação com o conhecimento tradicional e alfabetização atualmente.

O interesse é investigar os trabalhos realizados sobre o tema e verificar a relação dos saberes culturais e escolares na construção dos conhecimentos nesse espaço. Procurei informações orais junto aos anciões e padrinhos na aldeia e sua prática com a escola ensinando pontos fundamentais dentro da comunidade.

Utilizei estudos e análises em bibliografias como fonte para meus conhecimentos e causa para conviver e trabalhar para o fortalecimento futuro do meu povo na aldeia Caçula.

**Tabela 1 – Fases da vida Xavante**

|    |   |  |
|----|---|--|
| 01 | <p style="text-align: center;"><b><i>AI'UTÉPRÉ</i></b><br/>0 a 3 anos</p> | <p>Quando as crianças nascem, os avós ficam muito felizes pelo êxito no parto. No dia seguinte a criança pode começar a dormir no quarto de sua mãe, passados três ou quatro dias retorna ao seu quarto. Na segunda semana, a mãe e o pai não podem comer alimentos quentes para criança não ficar doente. A mãe deve comer pouco para não doer a barriga do recém-nascido. A tradição milenar do povo Xavante narra que nessa fase, menino e a menina, ao nascerem tem a pele do corpo vermelhinha e por isso, vindo dos ancestrais, nos autodenominamos <i>ai'utépré</i> (<i>ai'uté</i> ou criança e <i>pré</i> ou vermelhinha). Com quatro meses de idade, o bebê começa a comer, mas somente a avó pode dar comida e a mãe continua a amamentação até por volta dos três anos de idade.</p>  |
| 02 | <p style="text-align: center;"><b><i>BÖDI</i></b><br/>3 a 5 anos</p>      | <p>Assim é chamado o menino que nasce e está mamando o peito da mãe ou que não pode participar do serviço de homem. Aprendem observando os objetos, brincadeiras, cantos e pinturas, e imitando a mãe, dessa maneira repassando aspectos gerais da vida para seu filho, e principal ensinando os filhos para que aprendam alguns nomes tradicionais deixados pelos ancestrais</p>  |
| 03 | <p style="text-align: center;"><b><i>WATÉBRÉMI</i></b><br/>5 a 7 anos</p> | <p>Os <i>Watébrémi</i> Xavante, analisando dentro da história Xavante, nunca tiveram uma voz, é a fase em que o menino produz imagens mentais, usam a intuição e manifestam uma ideia sobre a qual é o centro. Quando os anciãos da aldeia, pais, avós, tios, tias e padrinhos acompanham incansavelmente o processo na educação tradicional, é necessário ouvir os <i>watébrémi</i> meninos como protagonista social. Nas brincadeiras os <i>watébrémi</i> principiam os processos de integração com os demais colegas da mesma idade ou não, desenvolve-se o respeito, a amizade, a responsabilidade, o exercício do corpo. Sendo elas as mais variadas, como corridas, tomar banho no rio, subir em árvores entre tantas outras. Nessa fase pode participar da cultura Xavante na dança ritual, luta dos meninos, corrida de buriti, luta corporal Xavante e brincar com os pais.</p> |

|    |   |   |
|----|---|---|
| 04 | <p><b>AI'REPUDU</b><br/>7 a 10 anos</p> | <p>Nesta fase se prepara para ser <i>wapté</i>, torna-se proibido andar com as meninas, conversar com as irmãs mais novas e pai começa aconselhá-lo sobre a educação cultural. Começam a aprender a viver com seus colegas da mesma idade, caçar e pescar a vontade e coletivamente, assim percebem a educação do <i>airepudu</i>. Nesse período não batem em meninos de clãs distintos ao seu, seja <i>poreza'õno</i> ou <i>öwawê</i> esse tipo de encontro ocorrerá apenas nas lutas dos <i>òí'ó</i>. O <i>ai'repudu</i> cotidianamente pode conversar com seu pai, mãe, tios, avós e aqueles responsáveis e importantes na cultura Xavante. Por vezes, quando o pai é bom conduzirá seu filho <i>ai'repudu</i> transmitindo seu conhecimento</p>   |
| 05 | <p><b>WAPTÉ</b><br/>10 a 15 anos</p>    | <p>Nesta fase são aconselhados pelos padrinhos e por vezes pelos velhos, trata-se de uma preparação para ser homem e ser livre, não furam as orelhas e não são considerados para casar. Esses meninos vão com seus padrinhos para casa do <i>Hö</i> para permanecer o período necessário para sua aprendizagem e avaliação do ancião, podendo os meninos serem liberados ou não. Nessa casa os meninos podem visitar a família de vez em quando, isso com a permissão do padrinho. A função dos <i>Aihöubuni</i> é ajudar os padrinhos na orientação, instrução e educação dos demais <i>wapté</i>, sendo que eles furam a orelha antes dos demais e realizada por um dos padrinhos do grupo. Durante as atividades desenvolvidas pelos <i>Aihöubuni</i>, um dos padrinhos dos <i>Wapté</i>, o professor Jair <i>Tserenhiwari</i> Xavante, destaca a seguinte: “[...] os <i>Aihöubuni</i> têm que escutar os mais velhos e ir tomar banho e logo ir deitar na casinha [<i>Hö</i>] para pensar muito, para depois passar para os mais novos (SILVA, 2013; p.99)”. Por fim, expresse uma contribuição sobre a função dos <i>Aihöubuni</i>. A escolha do <i>aihöubuni</i> são dos velhos que os observam desde a infância, os pais também são atentos e ensinam. Todos os anciãos são avaliados até ficarem adultos. Dessa maneira quando o <i>wapte</i> for <i>aihoubuni</i> é escolhido pelos <i>Po'reza'õno</i> e <i>Öwawê</i>.</p> |
| 06 | <p><b>HERÓI'WA</b><br/>15 a 16</p>      | <p>Os jovens estão no término da festa cultural e passagem de fase, estão com as orelhas furadas, mas não é permitido casar ainda</p>   |

|    |  |   |
|----|--|---|
| 07 | <p style="text-align: center;"><b>RITÉI'WA</b><br/>17 a 20 anos</p>    | <p>Os jovens buscam a realidade cultural do povo Xavante, tradição e costumes, é permitido terem mulheres ou casar. O casamento deve ser permitido apenas pelos velhos e anciãos. É o período de aprender o valor ético do povo Xavante, como respeito e responsabilidade ritual representadas em diversas maneiras e contextos. Estando casado dará suporte nas necessidades da família do sogro, cunhados e cunhadas. Quando o adolescente sai da casa de <i>Hö</i> é chamado <i>ritéi'wa</i>, o rapaz para se tornar homem permanentemente mantêm-se sendo educando pelos anciãos e respeitando-os. As mulheres, crianças e principalmente aqueles que se tornarão <i>ritéi'wa</i> devem manter a tradição e a vida muito respeitosa. O <i>rietei'wa</i> sempre cuida do corpo para ficarem muito resistentes, todos os dias ao tomar banho limpam o corpo com folhas resistentes como nossos antepassados e para manter a nossa tradição, cuidado manifestado na prática de correr, festas rituais e cantos como verdadeiras heranças culturais ancestrais. Para se tornar um rapaz educado e aprendiz de diversos saberes para vida dos homens não podem participar no <i>warã</i>, salvo quando autorizados pelo ancião. O motivo desse impedimento é ainda serem rapazes e não poderem participar sozinhos, o <i>Ritei'wa</i> se for entrar devem estar acompanhados pelos padrinhos no <i>warã</i>.</p> |
| 08 | <p style="text-align: center;"><b>DANHOHUI'WA</b><br/>20 a 23 anos</p> | <p>Nessa fase da vida são responsáveis pelos adolescentes, os quais cuidam como se fossem seus filhos, aconselham, orientam para vida e quando não obedecem castigam-nos. Esse é o trabalho dos <i>danhõ'hui'wa</i>, é considerado um bom professor tradicional, ensina sobre a importância da cultura para seu afilhado e principalmente, a necessidade de respeitar as regras da tradição do povo <i>A'uwê</i> para manter a cultura sempre viva.</p>   |
| 09 | <p style="text-align: center;"><b>ZAMRÕI'WA</b><br/>24 a 27 anos</p>   | <p>O homem está perto de ser velho e assim será considerado, participa da assembleia do povo Xavante, onde os velhos se reúnem para decisões sobre questões culturais, entretanto, nessa ocasião os "<i>prédzamorõi'wa</i>" não podem falar, apenas ouvir, ainda não é considerada ancião ou velho.</p>   |

|    |                                   |  |
|----|-----------------------------------|--|
| 10 | <i>IPRÉDU</i><br>28 até ser velho | O homem tem que ser respeitado, cuidado e educado porque tem grande experiência sobre a cultura Xavante manifestada na confecção de artesanato, enfim, tem mais conhecimento de todas fases da vida. |
|----|-----------------------------------|--|

**Fonte:** Organizado pelo autor, 2015.



**Figura 1 – Ai'utépré - 0 a 3 anos**



Fonte: Arquivos da pesquisa, 2015.

**Figura 2 – Bodi - 3 a 5 anos**



Fonte: Arquivos da pesquisa, 2015.

**Figura 3 – Bodi - 3 a 5 anos**



**Fonte:** Arquivos da pesquisa, 2015.

**Figura 4 – Watebreimi - 5 a 7 anos**



**Fonte:** Arquivos da pesquisa, 2015.



**Figura 5 – Airepudu -7 a 10 anos**



**Fonte:** Arquivos da pesquisa, 2015.

**Figura 6 – Airepudu -7 a 10 anos**



**Fonte:** Arquivos da pesquisa, 2015.

**Figura 7 – Airepudu -7 a 10 anos**



**Fonte:** Arquivos da pesquisa, 2015.

**Figura 8 – Airepudu -7 a 10 anos**



**Fonte:** Arquivos da pesquisa, 2015.



**Figura 9 – Riteiwa - 17 a 20 anos**



Fonte: Arquivos da pesquisa, 2015.

**Figura 10 – Danhohui'wa - 20 a 23 anos**



Fonte: Arquivos da pesquisa, 2015.

### 3.2 *Watebre*mi (meninos)

A criança Xavante dentro da Aldeia Caçula tem liberdade de passar e visitar outras casas para brincar com os artesanatos e fazer carrinhos de pau, podem brincar nos rios e participar da festa ritual com outras crianças da mesma idade, porém, não pode sair para longe da casa. Muitas vezes, as nossas crianças Xavante participam das atividades coletivas, tanto os meninos quanto as meninas.

O cotidiano das crianças da aldeia é diferenciado, conforme tamanho e gênero, os meninos imitam a caçada de fogo e a pescaria, as meninas fazem cestinho e colar, buscam frutos no cerrado e assim permanecem vivendo das mesmas coisas que os antepassados. E o mais importante atualmente é que as meninas também ajudam o pai e a mãe nas atividades do dia-a-dia.

Enquanto as meninas são preparadas para as atividades domésticas, elas participam dos rituais apenas em sua fase final.

## CAPÍTULO IV – A MULHER E A GRAVIDEZ

### 4.1 A mulher e o parto: as regras e a sociabilidade

A mulher Xavante quando percebe que está grávida obedece a uma dieta chamada *sōzeti*, que é um manjar apetitoso a base de *tiritebe* ou coco de palmeira de acuri, tirinho ou palmito de acuri, *a'odo*, *tiritóptebe*, *titópré*, *été'rāti*, *mo'õnihöiré*, *norótebe*, *norõre*, *uzu*, *tõmõti*, entre muitos outros gêneros.

A carne é proibida por provocar o vômito, o marido igualmente deve cumprir algumas restrições alimentares como: comer *wi'i* ou perdiz” (o menino nasceria morto), *u'ãi'wai're* ou ovos de tartaruga (a mulher morreria de parto). Estas são as únicas restrições durante a gravidez, no restante a mulher leva sua vida de trabalho costumeira.

No fim da gravidez, ao aparecem as dores, são chamadas três mulheres: sempre a mãe da grávida; em sua falta a parente mais velha e a mais próxima. Estas mulheres são chamadas *I'upari'wa* e assistirão todo o parto. Primeiro, a parturiente fica acorçada e apoiada no chão com os pés. Segundo, no caso de perda de sentido pelas dores, as mulheres que a assistem assopram sobre o seu ventre fazendo que as dores se acalmem, tais cuidados chamam-se, respectivamente, *tepo'rehö* e *tepo'rehörö*.

No momento do nascimento do menino, duas das mulheres seguram a mãe pelas axilas e a suspendem para ficar na posição acorçada, como no princípio, enquanto a terceira, ajoelhada diante da parturiente apanha com cuidado bebê, colocando-o numa esteira em posição sentada.

Assim que o menino sai do ventre materno, as duas mulheres que a sustentaram comprimem seu ventre para facilitar a saída da placenta ou *isi'uzazé*. Assim que tenha saído a placenta, outra mulher com uma lasca de bambu ou *uwi* corta o cordão umbilical ou *isib'mrã* a cerca de vinte centímetro da barriga do bebê. Com o cordão umbilical cortado, a mãe da parturiente leva o *ai'utépré* para perto do fogo, lavando-o com movimento delicado e necessário das mãos e arredonda a forma da cabeça.

A mãe deve permanecer sentada no mesmo lugar, onde deu a luz até terminar todo sinal de hemorragia, o que dura por volta de 20 horas. O pai do *ai'utépré* que, durante o parto esperava fora da casa, irá caçar para poder pagar as mulheres que assistiram e esposa. Preferencialmente, deverá pegar uma anta ou um veado ou seis porcos do mato, não obtendo êxito nesse intento, poderá pagar com qualquer outro tipo de carne em quantidade equivalente.

Uma vez abatida a presa necessária, o homem volta e reparte a *i'utii'wa* ou *i'sa'rai'wa*. A mulher que acolheu o *ai'utépré*, cortou o cordão umbilical, lavou e arredondou a cabeça recebe a parte superior do corpo, com exceção da cabeça. Aquela que recebeu o bebê ao sair do ventre materno e cortou o cordão umbilical, chamada *isanahöri'wa*, recebe a metade inferior e as vísceras; a terceira mulher e, eventualmente, outras que tenham assistido ao parto ou *i'upari'wa* ganham as partes que ficaram.

Quando a esposa está grávida, o marido fica bastante preocupado e não se alimenta com a comida que deseja para não fazer mal o bebê. O pai do bebezinho fica atento em consumir alimentos de boa qualidade para o bebê nascer bem forte, nossa alimentação passada era muito forte no passado, diferente de hoje que comemos apenas arroz e água natural. O arroz que comemos quando a mulher está grávida não pode ser quente, deve ser bem frio para não prejudicar o xixi do bebezinho. O pensamento do pai volta-se também para os alimentos que façam com que a criança cresça logo e não fique doente.

Quando a mulher está grávida, os maridos dela também devem se alimentar bem, ou seja, não podem comer qualquer animal, apenas o que é permitido pela nossa cultura cotidiana, o marido também está atento a tais determinações. Isso é determinante para o nascimento e saúde do bebê.

A carne do veado e tamanduá não pode ser consumida pelas mulheres grávidas, a coxa daquela torna cansada a perna da mãe, só é permitida a costela da anta. E o pensamento do pai está sempre no futuro do bebê que nascerá forte e gordo e ficará lindo, crescendo logo e sadio sendo essa a ideia tanto do homem quanto da mulher.

O pai do bebezinho não pode matar onça para não prejudicar o bebê, o qual morreria na hora. É, por isso, que na nossa cultura ela é apanhada somente pelo caçador desse animal. Já a anta tem uma carne muito boa, gostosa e não prejudica o bebê, não sendo consumida a cabeça. A paca tem carne gostosa e linda, mas não pode ser comida pela mulher grávida, e também o *uhöre*, que pode ser comida tão somente quando o bebê estiver entre 8 meses e 1 ano. A carne do cateto faz o bebê ter um sono curto.

A mulher, antes de engravidar, sempre tem muito cuidado com seu corpo, mantendo-se limpa permanentemente em sua casa e tomando banho sem camisa e saia. Na nossa cultura, a mulher quando está grávida não pode vestir a camisa molhada por fazer mal ao bebê, o qual nasceria morto depois de aparecem as dores do parto. Essa é a vida das mulheres ao engravidarem, seguindo os antepassados, consumindo apenas as carnes permitidas e mãos sempre lavadas após as refeições.



Do meu ponto de vista, sobre o que comemos até hoje, registrei os animais na seguinte ordem: anta, veado, tamanduá, queixada e outros animais. Depois, quando nasce a criança, a mãe, o pai, tios, tias e avós cuidam bem das crianças até crescer.

A mulher e o homem, para ter um filho ou filha, preparam o ambiente de convívio e zelam pelo seu espaço. Para isso, pedem auxílio espiritual para receber “um aviso” para criança nascer. A mulher e o homem preparam os seus corpos e usam as ervas medicinais para terem o corpo saudável, para gerar o filho (a) saudável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa concluiu que a educação tradicional tem sido a forma de transmissão de conhecimentos entre os diferentes grupos étnicos, para a compreensão desses processos o estudo foi livre e espontâneo, observando as práticas culturais e a oralidade passada de geração em geração.

O estudo constata que dentro deste novo sistema socioeconômico global e que interfere em todas as sociedades, somente o modelo tradicional de educação não é suficiente para garantir sua autossustentação e existência enquanto povo indígena. Faz-se necessário à busca do saber escolar para mediar com o tradicional para poder enfrentar essa nova realidade social atual.

A análise dos dados observa ser necessário buscar o saber escolar para garantir a autossustentação e inserção povo indígena Xavante nesse contexto e na aldeia, isso para que os conhecimentos tradicionais não sejam suprimidos. Ressalta-se a necessidade de pensar, planejar, organizar, realizar e debater na escola as questões sobre as fases da vida das crianças Xavante. O objetivo é harmonizar o tradicional e o global para que não sejamos excluídos dos avanços do mundo atual, mas, sobretudo, garantir a preservação de nossa identidade.

E, por fim, verificou-se que a relação entre o conhecimento tradicional e a escola da aldeia Caçula na terra indígena de Pimentel Barbosa é tímida devido à pouca formação dos professores, principais protagonistas para interação entre a comunidade e a escola.

**CONSULTORES NATIVOS**

Joana Ro'óawãri - Aldeia Caçula

Norato Xavante- Aldeia Caçula